

Rimos tanto disto no JN? A culpa é do Miranda

“Humor de Miranda - do mental ao metal” para ver no Museu da Misericórdia

Ana Vitória
anavito@jn.pt

EXPOSIÇÃO O seu talento alegrou, com um humor mordaz e um traço arredondado, centenas de páginas do Jornal de Notícias (JN), antes e depois do 25 de Abril de 1974.

Ao longo de quatro décadas, Miranda, observador atento, aquele que “não era visto mas via”, alimentou uma panóplia de cartoons. Longe de fenómenos voláteis das redes sociais de agora, o seu trabalho também suscitou aplausos e embaraços. Sendo que estas se contam pelos dedos, já que foi apenas meia dúzia de vezes ameaçado de morte. A tudo isto, Miranda, homem esquivo que se tornou a tal ponto mitificado que se chegou a duvidar da sua própria existência, respondia da melhor forma. Com humor, evidentemente.

A exposição “Humor de Miranda - do mental ao metal”, patente até dia 25 no Museu da Misericórdia, no Porto, resgata o trabalho de um artista descrito como tendo “um metódico espírito arquivista”. Refugiava-se num humor que “revelava um profundo conhecimento do contexto político e social da época”.

25 ESCUDOS POR CARTOON “Ele intitulava-se o industrial do chiste. O seu humor não é para fazer rir, mas para fazer pensar”, diz Costa Carvalho, comissário da exposição e amigo de há longa data do cartoonista. É a este antigo chefe de redação do JN que se deve a chegada de Miranda ao jornal.

“Começou a publicar os seus trabalhos na secção desportiva do jornal em 1955”, recorda. “Comecei a pagar-lhe 25 escudos por desenho, coisa pouca para a época. Dava apenas para comer frango com batatas fritas num restaurante.”



Retrospectiva do cartoonista tímido e esquivo, que se tornou personagem-mito

Os bonecos do então jovem Miranda começaram a ter êxito junto dos leitores e rapidamente saíram das páginas desportivas para ocuparem, diariamente, a última página do jornal.

“O Miranda é que vendia. Era obrigatório”, diz Costa Carvalho, para quem o cartoonista, hoje com 84 anos, “é o alegre mais triste” que conhece. Algo que o visado de certo modo corrobora quando alude ao seu “humor quase alegre” ou quando, ao jeito de epitáfio, escreveu “para tão longo humor, tão curta a vida”.

20 MIL CARTOONS

Nos 40 anos em que colaborou com o JN, Miranda raramente foi visto. O seu caráter tímido contribuiu para o mito. Será que ele existia mesmo ou era apenas uma invenção habilidosa? “Via mas não era visto”, sintetiza Costa Carvalho. A tal ponto que em 1996 a administração do jornal decidiu intimá-lo a comparecer para assinar a folha de salário.

Miranda produziu no mínimo 20 mil cartoons que

BIOGRAFIA

Um electricista ligado à corrente do humor



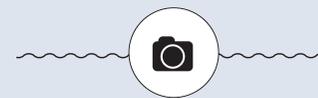
António Luís Miranda de Sousa, não se sabe bem se por humor, nasceu duas vezes: diz-se que a 4 de Março de 1935, em Amarante, naturalidade dos pais. Mas foi registado no dia 18 no mesmo mês e ano, no Porto. Tirou o curso de electricista na Escola Infante D. Henrique, no Porto. Iniciou o seu percurso de cartoonista na Voz do Ridículos, mas desenvolveu a maior parte da sua carreira no Jornal de Notícias (1955-1996). Ao mesmo tempo, colaborou com várias publicações em Portugal e em Espanha.

guardou cuidadosamente. Não só desenhos, mas também centenas de gravuras e zincogravuras (tipografia quente), de alguns deles.

“No ‘Humor de Miranda’ há um rir e não um riso. Os seus cartoons estão na linha da comédia grega na pretensão da denúncia de contradições, da crítica dos acontecimentos. Um rir ao jeito de reportagem de continuidade. E tinha uma vertente documentalista invejável. Arquivava tudo. Costumo dizer que ele era um repórter por excelência”, enfatiza Costa Carvalho.

“Ele andou anos à procura do traço certo para o seu boneco. A sua linguagem gráfica é inconfundível. Homens de nariz batatado e mulheres cheias de caracolinhas na cabeça. Para ele, o que conta no cartoon é a potência da voz, o que vinha escrito no balão. Tem desenhos espantosos, como aquele do esqueleto a entrar num consultório médico e a dizer que vem para a consulta pedida há mais de um ano. Como se vê, o Miranda está atualizadíssimo.” ●

A FECHAR



Morreu Maria Guinot, a mulher que venceu o Festival da Canção em 1984

ÓBITO A cantora, compositora e pianista Maria Guinot, que representou Portugal no Festival da Eurovisão em 1984 com “Silêncio e Tanta Gente”, morreu ontem aos 73 anos. A artista, que colaborou com Carlos Mendes, José Mário Branco e Manuel Freire, não tocava piano desde 2010, devido a três acidentes vasculares cerebrais que lhe afetaram os movimentos. O velório realiza-se hoje, a partir das 17 horas, na Igreja da Parede, em Cascais. O funeral segue para o cemitério de Barcarena.

Arranca hoje a 5.ª edição do festival do pensamento “Fórum do Futuro”

PORTO Tendo como tema “Ágora Club”, a 5.ª edição do festival de pensamento “Fórum do Futuro” arranca hoje às 16 horas, no grande auditório do Teatro Rivoli, no Porto. Durante uma semana, 50 convidados de diferentes nacionalidades e de áreas como a literatura, política, arquitetura, teatro, astronomia, filosofia ou artes visuais, vão percorrer diferentes espaços da cidade, respondendo ao desafio de refletir sobre a manifestação da Antiguidade na cultura contemporânea.

Casa da Moeda doa 26 mil livros a Cabo Verde

Morreu criadora da Rede Nacional de Bibliotecas

DOAÇÃO A Imprensa Nacional Casa da Moeda (INCM) de Portugal doou 26 mil livros às bibliotecas de Cabo Verde, mediante um protocolo assinado durante a Festa do Livro – Morabeza, que decorreu no Mindelo, São Vicente.

Uma nota do Governo de Cabo Verde indica que o protocolo foi firmado entre a INCM e o Ministério da Cultura cabo-verdiano. “É um trabalho de fôlego para o futuro que a próxima geração vai agradecer”, enalteceu o ministro da Cultura cabo-verdiano Abraão Vicente.

ÓBITO Morreu a investigadora Maria José Moura, responsável pela criação da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, em 1986. Tinha 81 anos. Em 2016, numa entrevista à Lusa, Maria José Moura afirmou: “Na biblioteca não precisa de gastar um tostão! É dos poucos locais a que as pessoas têm direito a recorrer, não é um favor que lhe estão a fazer, é dinheiro que vem dos seus impostos”. Para ela, a biblioteca ideal é aquela em que “as pessoas conseguem encontrar respostas para as suas necessidades”.